



## **A CONSTITUIÇÃO DE UM “LUGAR” DE FORMAÇÃO AO FORMADOR DE PROFESSORES**

Kelly Cristina Ducatti-Silva – UEPG

Não contou com financiamento

### **Resumo**

Após acompanhamento de um conjunto de relatos sobre a docência no ensino superior e a audição da trajetória de uma formadora de professores, foi possível encontrar indícios acerca da necessidade de discutir sobre o “lugar” de constituição do docente, tendo em vista sua participação como protagonista da própria formação. Será apresentada uma análise preliminar a partir das narrativas da formadora Laura, apoiada aos saberes experienciais, conforme estudos de Tardif (2002) com a articulação à ideia de aprender de Charlot (2000). Sobre as Narrativas, trata-se de importante instrumento de coleta de dados que permitem aos professores iniciarem um processo de construção de um novo repertório reflexivo sobre sua atuação e, desse modo, criar possibilidades de problematizar e significar situações peculiares à formação do formador de professores.

**Palavras-Chave:** Formadores de Professores; Profissionalidade; Narrativas.

### **A sala de aula como “lugar”: primeira análise**

As pesquisas ancoradas nas produções dos professores trazem como possibilidades a apresentação da visão dos docentes a respeito de sua constituição e os elos que se fundam entre essa visão e a história de formação dos professores no Brasil (SILVA, 1999; TANURI, 2000; PIMENTA, 2002) como forma de estabelecer saberes necessários à prática cotidiana do formador de professores.

O “lugar” a ser discutido refere-se à apreensão e à apropriação de saberes que são construídas nas atividades desempenhadas pelos formadores para dizer de suas marcas em cenários de ensino-pesquisa-extensão, o que traz a possibilidade de problematizar as situações em há ou não o reconhecimento de pertencimento a cada um deles.

A memória de uma formadora de professores direcionou nosso olhar apenas para o primeiro cenário – o ensino. É na sala de aula que a docência acontece, é na sala de aula que, segundo a formadora, suas pesquisas ganham vida.

O que acontece na sala de aula? Pergunta feita à formadora Laura.<sup>1</sup> Sem hesitar, a formadora revisitou sua trajetória no Ensino Superior e trouxe informações que faz com que problematizemos a prática docente, em especial, a relação que é estabelecida com os estudantes na esperança de criar no espaço da sala de aula um lugar de reconhecimento, não apenas dos estudantes em relação ao formador, mas, sobretudo, do formador sobre sua condição docente.

Laura informou que algo muito especial aconteceu na sala de aula quando valorizou sua aproximação com os acadêmicos. Percebia que aos poucos, a condução das aulas ganhava um movimento de cumplicidade potencializando e gerando discussões profícuas. Os acadêmicos despertaram na formadora a permanente reflexão. Ela sentia-se acolhida por eles quando compreendia em seus gestos e olhares que, de algum modo, poderia contribuir com suas buscas de respostas às inquietações provenientes do cotidiano escolar.

A formadora provoca nos estudantes o pensar sobre a possibilidade de ser professor nos anos iniciais apresentando a eles como realiza a própria reflexão sobre a docência que intenta realizar na formação de professores.

O caminho escolhido por Laura informou a posição de uma formadora muito preocupada com a apropriação de saberes dos futuros professores. Trata-se de uma posição que revela os bastidores das docências: a organização do trabalho pedagógico, seleção e escolhas de conteúdos, metodologia que permite aproximação entre estudante e formador; instrumentos de formação e avaliação. Isto é, elementos inerentes ao planejamento das aulas para promoção do processo ensino-aprendizagem.

Com um repertório de questões expressas aos estudantes, a formadora conquistava maior aproximação entre os acadêmicos. Tal aproximação era ampliada e consolidada com as produções narrativas que ela propunha aos estudantes, investindo numa metodologia que viabilizassem diálogos futuros em torno da docência na educação básica.

Ao perceber que seu convite fora aceito pelos estudantes, também oferecia indícios de que era uma formadora em formação, pois aceitava apresentar um mecanismo que a ajudava nas buscas de respostas sobre sua profissionalidade docente.

A formadora demonstrou querer ver os estudantes surpreendidos com o exercício de pensar sobre a função da escola e ao mesmo tempo “garantir” que problematizações sobre o

---

<sup>1</sup> sobre a sala de aula a formadora Laura se apoiou nas produções que realizava para planejar as conduções da disciplina no curso de Pedagogia. Fonte: Entrevista com conteúdo de Memória e reflexões de Laura, como proposta de discussão com os estudantes – Turmas/2010.

papel do professor fossem levantadas. Provocá-lo e deixá-los livres para pensar e produzir conhecimentos sobre os questionamentos pareceu ser a saída que ela encontrou para também responder as suas demandas de formadora de professores.

No momento em que eu as lia (*as produções dos estudantes*), enxergava ali muitos sonhos, lutas, decisões, escolhas, ideais, e outras questões de ordem bastante subjetiva. Lembrei-me que meu início também teve essa marca. Viajei para um tempo no qual eu já parecia saber o que queria como a maioria deles.

Laura pareceu estar cada vez mais próxima dos estudantes, e à medida que se aproximava deles também trazia a tona os pensamentos sobre quando pensava ser professora dos anos iniciais.

Foi tomando emprestados seus textos como um apartamento alugado que viajei para um momento em que eu queria ser professora, mas não me via professora, assim como alguns vocês. E vocês, o que tem a dizer? Em que pensaram? Vocês já pensaram de fato sobre ser professor, professora? Quais sentidos vocês dão à escola? Que escola querem? E a visita à escola o que representou? Em que contribuiu? Qual a imagem de escola vocês tinham antes de ir à escola? O que mudou? Nada mudou? Que tipo de professor você se imagina? O que esperam encontrar com a inserção nas escolas?

Com tais questionamentos, relações são estabelecidas em sala de aula, Laura diz: “há algo mágico na sala de aula”. Demonstra empolgação ao lembrar-se dos momentos com os estudantes. Parece que havia naquela relação construída em sala de aula algo muito especial e que lhe trazia satisfação. Muito inspirada, Laura retomou:

Noutro dia, selecionando material de leitura para a próxima turma de acadêmicos, no livro, *Histórias de gente que ensina e aprende* de Andrea Cecília Ramal, 1999, vislumbrei uma possível resposta para a satisfação que sinto em provocar nos estudantes a busca de respostas sobre a docência e promover novas inquietações.

A literatura mencionada pela formadora trata de histórias baseadas em experiências pedagógicas que são contadas pela autora de um modo que nos exige um olhar sensível e a disponibilidade para reflexão.

Na obra encontramos uma espécie de analogia entre o sentido de ser professor e estar à procura do Santo Graal. Para quem não conhece, trata-se de uma lenda rapidamente apresentada por Ramal (1999, p.13) e que transcrevemos a fim de compreender a satisfação comentada por Laura: “o Santo Graal era o cálice sagrado, pelo qual muitos cavaleiros medievais procuraram e que, para muitos, se constituiu na razão de ser e no sentido da sua existência”. A analogia feita é que para cada profissão, há um Santo Graal a ser buscado. Embora muitas pessoas, como na lenda, não acreditem que isso possa existir, acham perda de

tempo insistir na ideia. Outros, porém acreditam que ele existe e pode ser encontrado. Em se tratando da profissão docente, quando o profissional encontra esse Santo Graal descobre que não é só o trabalho, mas a própria vida, que ganha novo sentido. A mensagem divulgada pela história é que cada professor deve encontrar o seu Santo Graal.

Ao encontrar sentido na profissão Laura se mobiliza e quer contribuir para que o outro (o estudante) se mobilize. Este parece ser o caminho encontrado pela formadora para também dizer do seu “lugar” docente.

A possibilidade de reflexão fomentada pela formadora sinaliza que a docência, neste caso, é caracterizada pelo sentido dado à sala de aula e às relações estabelecidas com os estudantes. De acordo com a analogia, é na sala de aula com os estudantes, que a formadora encontra o “cálice sagrado”.

Com ênfase às atividades de ensino mais significativas ocorridas em sala de aula, a formadora pareceu considerar que os saberes cotidianos permitem tanto a renovação de sua formação, quanto a busca de respostas às questões que lança, como as contribuições para o desenvolvimento e manutenção do fazer docente.

Contribui com a análise das informações advindas da narrativa da formadora Laura, o estudo de Tardif, (2002, p. 21) sobre os saberes docentes, disciplinares e curriculares, que articulados aos saberes provenientes da experiência oferecem condições de produzir saberes próprios acerca da profissão. Tal articulação pode representar ao formador uma espécie de alicerce, estrutura segura para mobilizar, ampliar, adaptar e transformar a diversidade de saberes pelo e para o trabalho docente.

A formação do formador é resultado de seus saberes, sejam eles socialmente construídos ou de sua experiência profissional, os quais oferecem subsídios para que os docentes constituam lugares de formação e se constituam com as construções e reconstruções diárias meio as possibilidades reflexivas.

Nesta perspectiva, o texto de Charlot (2000, p. 78-79) indica a complexidade em torno da constituição do sujeito ao compreender que:

A apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros – “o aprender” – requerem tempo e jamais acabam. Esse tempo é o de uma história: a da espécie humana, que transmite um patrimônio a cada geração; a do sujeito; a da linhagem que engendrou o sujeito e que ele engendrará. Esse tempo não é homogêneo, é ritmado por “momentos” significativos, por ocasiões, por rupturas [...]

Para Laura, a sala de aula trouxe a possibilidade de entrar em contato com saberes que a inseriu em uma rede de relações com os estudantes. Ao aceitar participar dessa rede a formadora construiu uma espécie de cenário, de lugar, onde o aprender se configura numa atividade de constante reflexão e de entrecruzamento das histórias de âmbito social construídas pela humanidade e aquelas do sujeito, ou seja, a sua própria história. Ambas as histórias em contraste com momentos significativos foram capazes de causar não só rupturas, mas também continuidades de um pensamento ritmado pela necessidade de se constituir como formadora de professores, levando em consideração o vínculo estabelecido com os estudantes.

Portanto, a constituição do “lugar” demanda a mobilização do formador e sua inscrição na rede de relações que lhe faça sentir sujeito que aprende com os outros, por ocasiões de rupturas e continuidades dos pensamentos que ancorados na experiência da prática revelam a contínua constituição do formador.

Por fim, o “Lugar” docente está nos episódios significativos ao sujeito formador. É aquele que o formador de fato se inscreve como produtor de conhecimento e dialoga com suas produções, revelando para si e para os outros o processo de ensinar e aprender na perspectiva do Ensino Superior.

## Referências

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RAMAL, Andrea Cecília. **Histórias de gente que ensina e aprende**. Bauru: Edusc, 1999.

SILVA, Carmem Bissoli da. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. Curso de Pedagogia no Brasil: uma questão em aberto. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

TANURI, Leonor Maria. História de Formação de Professores. **Revista Brasileira De Educação**. São Paulo, nº14, mai./jun./ago. 2000, p.61-88.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.